Ano 2.º Numero 68 ✵ ✵ ✵ SEIS PAGINAS ✵ ✵ ✵ Aveiro, 30 de maio de 1912

A LIBERDADE

(Avença)

Republicano-Democratico

Alberto Souto
Director

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

PROPRIEDADE DA EMPREZA A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

EDIÇÃO DO DIRECTOR

A justiça popular

Os tribunaes conspiram contra a Republica? O povo responde-lhes fazendo justiça por suas mãos. —O conflito com o poder judicial só tem esta solução: uma lei que evite um violento gesto revolucionario.

Começou a justiça do povo. Era de esperar, tinhamo-lo previsto aqui onde com tão desapaixonada serenidade se comentam os factos da nossa vida politica.

Só quem não quer analisar as coisas em si proprias, só quem não quer vêr nas manifestações do sentir e pensar da epoca que a nossa historia atravessa, aquilo que elas traduzem, só quem teima pertinaz e loucamente em querer modelar as aspirações de um povo pelo acanhado e egoistico modelo da sua teimosia ou só quem se afastou da corrente que fez a Republica e hoje ingeita a solidariedade e as responsabilidades que com ela teve, é que poderia não ter visto com antecipação os acontecimentos que no Porto e em Lisboa se acabam de desenrolar.

De certo que eles são lamentaveis e ninguem mais que nós, sempre prontos a repelir, evitar e condenar todos os excessos, sente a tristeza desses espetaculos em que as multidões indignadas passam, como um turbilhão, por cima dos presos e dos tribunaes, dos julgadores e dos julgados, dos defensores e dos absolvidos, deixando a escorrer sangue a independencia e a magestade dum poder do Estado e deixando nas valetas, sujas de lama, as bécas das justiças.

Mas se remontarmos ás determinantes desses exasperos populares, se os estudarmos com sinceridade em si e nas causas que os promoveram, já não são os acontecimentos que nós temos que lamentar, já não são os excessos da turba que nos indignam, nem são essas alucinações das ruas que nos veem fazer passar pelo espirito nuvens de perturbação e de cuidados.

Não se trata na verdade de um desses movimentos inesperados, extemporaneos e desconexos da alma apaixonada das multidões. Não se trata de uma simples explosão dessas violencias que nascem do nada e nada mais teem que as possa explicar do que a psicologia da massa popular tão facilmente exaltavel e assomadiça.

As manifestações do Porto e de Lisboa, contra os presos e os tribunaes, teem antecedentes e razões que as justificam e as faziam prevêr a quem por faciosismo ou por estupidez não quizesse negar estes dois factores da colera popular que aí se expandiu—a criminosa parcialidade das justiças e o entranhado amor do povo das nossas cidades mais importantes pelo regimen que tanto sangue lhe custou.

* * *

Deixem-se de fingimentos e duplicidades! Deixem-se de pirronismos pessoaes e avelhados que lhes fazem vêr as coisas por um prisma mentiroso! Deixem-se de justificações escusadas, de abilidosas invocações de principios, de tôlos protestos de inocencia, os srs. conspiradores e os seus apaniguados saudosos dos tempos que morreram!

Tribunaes que proferem sentenças como as que aí teem sido proferidas, não são tribunaes, são coitos de rebelião.

Tribunaes que assim se comportam faltando ao respeito ao regimen e á justiça, não são tribunaes, são alfurjas donde sai a mais perigosa das revoluções—a da dissolução social, a do desprestigio do poder judicial e daquelas leis e instituições que são a base da harmonia da sociedade em que vivemos.

Principios! fala-se em principios. Pois o primeiro principio que nós exigimos que o poder judicial respeite é a sua imparcialidade, é a sua independencia.

Mas ser imparcial não é só mostrar que se não curva a espinha aos interesses do Estado, nem se é imparcial quando sistematicamente se protegem criminosos inimigos do regimen costituido.

Mas ser independente não é só não estar sujeito á força do poder, nem é independente quem tem a obsecação de provar aos que o louvaminham interesseiramente, que despreza os principios que representam os homens que governam.

Principios! fala-se em principios! Como se na monarquia e na Republica essa gente tivesse mostrado outros principios que os de perseguir tudo quanto fosse republicano.

Principios! fala em principios, quem? quem nunca teve outros principios que não os do suborno e da corrução politica em que a monarquia viveu e mercê dos quaes a maior parte dessa gente se guindou aos logares onde a condescendencia da Republica os consentiu para continuarem na Republica moral, e honesta, a dissoluta missão de tranquibernia com que ilustraram os tempos do regimen morto que eles tentam resuscitar com esforços de formiga para derrubar uma montanha.

Isto é que nos entristece. E' isto apenas o que temos a lamentar.

* * *

Quando a justiça é negada nas regiões donde ela se espera, quando um povo por ela clama com sobresaltos e impaciencias e a vê recusada como aí temos visto, ha um meio unico de fazer justiça—a revolução.

Foi o que o povo fez em 5 de outubro. E' o que novamente começou a fazer.

A justiça pelas proprias mãos, a justiça popular, com todos os seus perigos e horrores, eis a consequencia da rebelião e da manifesta parcialidade dos nossos reacionarios tribunaes.

A paciencia do povo republicano está esgotada e a sua justiça começou. E' o começo de uma revolução fatal que se vae operar e que d'alguma fórma tem de ser levada a cabo.

Neste paiz não ha mais tribunaes que em materia politica em Lisboa e Porto estejam livres de suspeitas e tenham a confiança e o respeito publico.

Abriu-se um conflito gravissimo que tem de ser sanado.

Como?

Pelos gestos violentos e revolucionarios, cegos e desordenados das ruas?

Nem queremos pensar nessa calamidade que todos teem o dever de procurar evitar.

A unica solução é uma lei, que resolva o assunto e salve da ultima liquidação os tribunaes, depurando-os violentamente se necessario fôr e assegurando ao mesmo tempo a inergica e legitima defeza da Republica.

O sr. Antonio José, defensor de conspiradores...

O sr. Antonio José, numa das ultimas sessões parlamentares, atirou-se ao povo de Lisboa, como o gato a bofes, por aquele ter feito aos presos de Castelo Branco uma manifestação de desagrado, e propoz um inquerito parlamentar ao procedimento dos juizes.

A ultima proposta, tola de todo, porque não é possivel admitir-se a ingerencia do poder legislativo sobre o poder judicial, foi apenas uma habilidadezinha do sr. Almeida para destruir o mau efeito causado pelas palavras de significativa benevolencia com que se referiu aos conspirateiros de Castelo Branco.

O sr. Almeida vae assim definindo a sua atitude, o que, para os republicanos que se conservam fieis aos principios apregoados na oposição, é sobremaneira conveniente.

De futuro ficamos sabendo que na defeza da Republica só podemos contar comnosco.

No que o sr. Almeida havia de dar—*defensor de conspiradores.*

INTERESSES DA INSTRUÇÃO

A proposito do código administrativo houve no Parlamento quem desde já combatesse o principio da municipalisação do ensino e fizesse algumas previsões sobre as funestas consequencias que tal medida ha de ter para o professorado e para a instrução.

Fomos nós, que não tendo nunca tomado á camara o seu precioso tempo, maçando-a com inutilidades, gastámos alguns minutos desta vez combatendo essa apregoada descentralisação do ensino primario que só ha de vir aumentar a desordem que aí lavra em assuntos de instrução, colocar em peores circunstancias o professorado e aumentar a percentagem dos nossos analfabetos.

Quem não morrer, verá. Mas as nossas previsões ficam aqui hoje resumidas, pois no proximo numero teremos ocasião de mais desenvolvidamente as expôrmss: ou a lei da instrução se não cumpre porque é inexequivel, ingenua e precipitada, ou a instrução está dentro em pouco inteiramente desorganisada neste país.

As camaras arruinadas, sobrecarregadas com mil encargos e dificuldades, a tratarem do ensino, com a faculdade de extinguirem e mudarem escolas, de nomearem, demitirem, castigarem e transferirem professores e a pagarem os seus vencimentos num periodo de experiencias legislativas e de reformas municipaes, deve ser o bom e o bonito, não haja duvida!

A VERDADEIRA REPUBLICA

Andam por aí certos *troca-tintas* da politica dizendo que ainda se ha-de fazer a verdadeira Republica e que ai daqueles *demagogos que então tentarem continuar a politica de odios e de vinganças que se tem feito até aqui.*

Nós sabemos bem a que eles chamam a *verdadeira Republica.* A *verdadeira*, a *autentica* Republica, seria aquela que colocasse á frente dos destinos da nação toda a coorte de criminosos do antigo regimen, revogando as leis de defeza decretadas pelo governo provisorio e que eles consideram atentatorias de direitos e liberdades *que a monarquia nunca lhe concedeu.*

Causam-nos dó, afinal, esses pobres de espirito com manias de *mentores*, muito mais republicanos do que nós, não ha duvida, por que querem a *verdadeira*, a *autentica* Republica e não esta, em tudo semelhante ao regimen que a revolução derrubou e que eles serviram com a mesma dedicação com que prometem servir a tal *verdadeira* e *autentica* Republica.

Mas não lhe falem no Paiva Couceiro. Perdem-se, desorientam-se, defendem-no se o atacam, revelando-se, afinal, aquilo que realmente são—*nojentissimos farçantes.*

A NOSSA PROPAGANDA

Como os leitores teem visto, *A Liberdade* não é jornal simplesmente politico e que só de politica trate. A sua primeira pagina dedica-a de ordinario á politica geral, é certo, mas é raro passar um numero que não traga um artigo de propaganda economica, comercial, financeira ou industrial, que utilisa aos que nos lêem e que pode servir de guia a muitos humildes estudiosos que nem teem tempo nem dinheiro para compulsarem os livros, os jornaes e as revistas estrangeiras.

Não endireitamos o mundo, não modificamos a orientação do povo português tão agarrado á rotina e tão mergulhado na indiferença?

Não importa. Do esforço de todos é que pode saír alguma coisa de util e proveitoso.

Pela nossa parte cumprimos o nosso dever, fazendo um jornal moderno e educativo que pode ser lido por todos, até mesmo pelos nossos adversarios, e, propagando, ao lado dos bons principios politicos, os bons principios de administração e os bons exemplos de grandêsa, de prosperidade e desenvolvimento dos povos que progridem.

A Liberdade faz apenas, em pequena escala, o que fazem hoje os grandes jornaes do mundo inteiro.

No uumero passado publicámos a *Semana do comercio e da industria*, que saíu um pouco deficiente ainda pela pressa com que foi coligida e ordenada. Repetir-se-ha todos as mêses pelo menos, ou nos primeiros numeros seguintes aos dias 15 e 1 de cada mês, com informações e artigos de interesse e de vulgarisação comercial e industrial.

Na proxima semana, publicaremos a *Semana da Instrução*, dedicada, sobretudo, ao ensino primario e que será colaborada por distintos professores; seguir-se-hão assim varios suplementos de assuntos palpitantes e de interesse nacional, que nos vão dar a nós muito trabalho mas que nos hão-de dar, tambem, muita satisfação, estamos certos, pela forma porque hão de ser acolhidos.

Que os nossos leitores façam justiça ás nossas intenções e aos nossos esforços, e dar-nos-hemos sempre por bem pagos de todas as canceiras, nesta emprêsa de tanto arrojo em tão acanhado meio, onde só ha invejas e malquerenças contra quem quer andar um pouco para a frente—porque *tem pernas* para isso.

E como para isso *temos pernas*, vamos para a frente cada vez mais cheios de entusiasmo!

FISCALISAÇÃO DO SELO

Aviso aos ciclistas, comerciantes e industriaes

Vão ser dadas ordens rigorosas aos encarregados da fiscalisação dos impostos, para fazerem cumprir o decreto de 2 de novembro que proíbe os proprietarios de bicicletes e de estabelecimentos de aluguer, de andarem nelas em publico sem estarem munidos de licença. Terão tambem de proceder a visitas de inspeção do sêlo aos estabelecimentos comerciaes e industriaes, lojas e armazens, como determinam os artigos 171.º, 184.º e 185.º da lei do sêlo de 9 de agosto de 1912.

Um benemerito da Instrução

Pelo sr. Manoel Rodrigues da Cunha, da Povoa do Paço, foi oferecido á Camara Municipal o terreno necessario para a construção de uma casa de escola, naquele logar.

Actos como este, infelizmente pouco vulgares, registam-se sempre com louvor.

DR. RODRIGO RODRIGUES

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues, ex-governador civil deste districto e atual director da Penitenciaria de Lisboa, publicou, na *Independencia de Agueda*, uma carta desmentindo categoricamente as afirmações feitas num outro jornal por um individuo que sua ex.ª despediu daquele estabelecimento penal.

Não precisava o sr. dr. Rodrigo Rodrigues de se defender das vilissimas acusações que lhe são feitas. Sua ex.ª é por demais conhecido neste districto para que algum homem de bem ouse lançar sobre o seu caracter a mais insignificante suspeita.

O resto não vale a pena desmentir...

Os bandidos da Galiza

Em Muprines, os bandidos conspirateiros atacaram a tiro um grupo de camponêses hespanhoes, havendo bastantes mortos e feridos.

O povo da Galiza está indignado com a protecção que lhes é dispensada pelas autoridades.

No proximo numero, que será de 8 paginas, «A Liberdade» publicará «A SEMANA DAINSTRUÇÃO» com varios artigos sobre o ensino em Portugal e no estrangeiro e «A SEMANA COMERCIAL E INDUSTRIAL».

* * *

Ler na 2.ª pagina «A Semana Politica e Social do Estrangeiro.»

Palavras de um estadista republicano

Um notavel discurso do dr. Afonso Costa

A defêsa da Republica

Realisou-se no ultimo domingo em Coimbra uma grande festa democratica. Deputados e senadores nela tomaram parte, acompanhando á Lusa Atenas as figuras prestigiosas de Correia Barreto e de Afonso Costa que tiveram uma recéção colossal.

O discurso do dr. Afonso Costa foi notabilissimo. Não podsmos deixar de o arquivar nas nossas colunas, num momento em que a Republica tanto carece de braços resolutos que levantem bem alto o entusiasmo e a fé dos verdadeiros republicanos.

O que é ser democrata?

Ser democrata, prosegue o dr. Afonso Costa, é não só sentir a Democracia, mas exercê-la. Ela é o contraposto de todos os regimens em que não governe a nação inteira. Democracia é o governo da nação, e para a realizar é necessario sentir e pezar as exigencias das camadas populares, sentir e pezar os seus males e provê-los de remedio. São democratas os que vivem no seio do povo e para o povo. São as camadas populares as que possuem a coordenação exata dos principios, a consciencia nitida da ação que uma nacionalidade tem a desempenhar. Não é democrata quem quer. E'-o aquele que se integra na alma popular e das suas celulas extrai a vontade geral para a pôr em pratica. O bem comum é que prepondera e, assim, exercem democracia os homens que se engrenam a dentro da alma colectiva para bem compreenderem as suas necessidades. Ser republicano é, pois, tratar do bem de todos. Não fizemos a Republica por um simples preconceito de ordem politica, mas para realisar a formula exata, precisa, do governo por todos e para todos: Com a Republica estabeleceu-se a Democracia em Portugal e todas as duvidas que porventura se antulhavam, todos os perigos no estabelecimento repentino de tal regimen, haviam fatalmente de desaparecer. Que havia evidentemente uma alma nacional propensa á Democracia, havia-o provado a revolução de 31 de janeiro em que um povo mixto de loucos e de herois se mostrou disposto a exterminar aqueles que sugaram vil e criminosamente o solo querido da Patria. E toda a evolução politica daí por deante se distribuiu em duas correntes: uma a democratica, aproximando os bons carateres, congregando todas as inergias viris, disposta a actos como o de 28 de janeiro e o de 5 de outubro; outra a monarquica, a reacionaria, absolutamente desintegrada da alma popular, vivendo da crapula e da ignominia e assaltando á mão armada os cofres publicos.

Eram duas forças: uma de criação, de inergias, trabalhando para o Bem; outra, de destruição, trabalhando pela veniaga e pela corrução para o Mal. Travou-se emfim o duelo e a força criadora, já então invencivel, ficou vitoriosa. Como consequencia e á fé dos principios, por tanto tempo preconizados, promulgou-se a lei da separação do estado das igrejas; aboliram-se as congregações a que um miseravel decreto de Hintze havia dado existencia legal; proclamou-se a liberdade de imprensa, de reunião, de associação, e todas essas medidas outra coisa não foram senão fazer Democracia.

Não se completou ainda a obra da democracia

Sob o ponto de vista da administração financeira—talvez por falta de tempo—se deixou muito por fazer, e a não ser a lei de 4 de maio, pela pasta das finanças do governo provisorio, nada mais ficou. Não se fez a remodelação dos impostos; não se cuidou da reforma do contrato com o Banco de Portugal, que onera pavorosamente o Estado; não se tratou da importante questão do credito colonial; não se completou como cumpria a aplicação sistematica em materia coletavel da lei do inquilinato; não se procurou realisar, emfim, o equilibrio das receitas com as despezas. Simplesmente se aumentaram os vencimentos aos funcionarios do mesmo ministerio. Ele, orador, bem sabe que havia funcionarios mal pagos; mas o Estado, com os seus cofres vasios, exigia sacrificios. E, assim como não devia ter-se esperado pela Constituinte para se promulgar a lei de administração publica, corria o dever de se ter reorganisado o ensino sem a fórma atabalhoada como ele saíu da pasta do interior. Da pasta do fomento saíu, porventura, o que era licito esperar-se dela? Infelizmente tambem não. Nem providencias sobre caminhos de ferro, nem sobre acidentes de trabalho, nem sobre outras quaesquer medidas de verdadeiro fomento. Nas colonias era preciso ter-se feito a legislação salvadora da Republica, com a qual não suportariamos ainda hoje o peso de quaesquer ameaças á nossa integridade colonial. Menos forte é sob esse ponto de vista a Olanda e entretanto ninguem se atreve a beliscá-la.

Não se fez tão pouco a lei organica da nossa defesa naval, do nosso porto maritimo. Obra verdadeiramente democratica—forçoso é dizelo—apenas se fez no goveruo provisorio por tres pastas: a da justiça; a da guerra, estabelecendo um regimen igualitario e conseguindo fazer com que o exercito seja todo republicano, áparte uma meia duzia de discolos que quebraram o nome de portuguêses; e a dos estrangeiros onde o dr. Bernardino Machado fez levantar a nossa situação internacional, assegurando a nossa autonomia como nação livre e apenas aliada da Inglaterra por um tratado de reciprocidade de direitos e de deveres. E é a um homem que presta tão altos serviços que se tem pretendido abocanhar. Esse côro de chacais que ultraja o nome do dr. Bernadino Machado ha de amassar ainda com a sua baba os fundamentos do pedestal para a estatua que a Republica tem o dever de erguer-lhe. E foi precisamente pelo combate de sapa contra o dr. Bernardino Machado que o Partido Republicano se dividiu, a quando da eleição presidencial. Nós que não foramos ouvidos sobre a organisação das forças parlamentares, igualmente não o fomos sobre a escolha do presidente. Podiamos responder ao repto que se nos lançou e, entretanto, ficámos silenciosos, por amor á Republica. E silenciosos estamos. Mais: todas as vezes que o ensejo se nos depara, prestamos a devida homenagem ao velho e integro republicano que é o dr. Manuel de Arriaga. E contudo, **se o o nosso candidato á presidencia houvesse vingado, quantas vezes os nossos adversarios já teriam afirmado que esse presidente não presidia á Republica Portnguêsa, mas a um grupo,** como de resto, o teem afirmado falando do Directorio. Teriam eles o respeito que nós temos mantido para com Manuel de Arriaga? No congresso da rua da Palma, pugnámos pelos principios; Em Braga, perante uma assembleia ainda mais numerosa e brilhante, o mesmo fizémos. E todavia, ao anunciar-se esta ultima reunião. presurosas vieram certas folhas gritar: «Quem fôr democratico, que vá a Braga; quem não fôr democratico, que não vá.» Como se tal facto dependesse deste ou daquele, e não da vontade popular! Pois apesar de taes enciclicas, a Braga foi tudo quanto ha de mais genuinamente republicano. De taes diatribes não se tomou conhecimento. Não deve lêr-se a imprensa escrita com os bicos da pena que Homem Cristo deixou em Portugal.

A SEMANA POLITICA E SOCIAL DO ESTRANGEIRO

SUMARIO:

O barão Marschall de Bieberstein.—A lei do salario minimo nas minas inglêsas.—Guerra Italo-Turca, A tomada de Rhodes. — A situação na Hungria.—O sucessro de Brisson na camara francêsa.—A Caixa Economica Belga e as abitações operarias.—Um grande banquete em onra da Republica Portugêsa em Paris.—Politica alemã, No Reichstag os socialistas atacam o kaiser.—Quem é o novo rei da Dinamarca.—As gréves, etc.

O novo embaixador da Alemanha em Londres

O Barão Marschall de Bieberstein

Tem feito correr rios de tinta, no dizer classico, a recente nomeação do Barão Marschall, o mais notavel diplomata alemão, para embaixador em Londres.

Atribue-se a esse facto, uma grande importancia na politica internacional, dizendo-se que a missão do antigo ministro da Alemanha em Constantinopla, é entabolar altas negociações sobre assunlos coloniais com o gabinete de Londres, que lhe concedeu já o seu *agréement*, e promover uma entente na expansão das duas nações a que não seriam estranhas as nossas colonias.

Seja como fôr, a verdade é que os alemães rodearam o caso de grandes misterios e os jornais do mundo inteiro a ele se referem como a um acontecimento que deve marcar epoca na historia politica da Europa.

Não nos é facil fazer previsões sobre a missão diplomatica do Barão de Marschall, ainda que ela diga respeito aos nossos interesses, pois o tablado politico da Europa não é no momento presente dos mais firmes e estaveis.

Aguardemos os acontecimentos seguindo atentamente os passos das personagens em evidencia como Marschall e digamos de passagem alguma coisa sobre o tão reclamado embaixador, em quem a Alemanha deposita tão estranhas esperanças neste momento sério da vida internacional europeia e que para nós é uma sombra que nos causa algumas apreensões.

O Barão Marschall de Bieberstein tem 70 anos. Mas os anos fizeram pouco peso sobre os seus ombros, pois é uma figura distinta e cheia de vida.

Depois de acabar os seus estudos de direito e de ter sido procurador imperial, foi eleito ao Reichstag pelo partido conservador de Rade. Pouco depois o Grão-Duque nomeou-o seu enviado em Berlim, e seu delegado ao Bundesrath. Pouco depois caía Bismark. M. de Caprivi sucedeu ao pae. Marschall sucedeu ao filho em 20 da maio de 1890.

O professor Schwoeninger conta que Bismark quiz oferecer ao novo secretario de Estado os seus conselhos e explicações sobre a politica exterior. Quando Bismark perguntou ao novo chanceler se se não arreceiava do seu logar, Marschall respondeu que a diplomacia fôra sempre o seu prazer favorito.

Mais tarde, quando Bulow veio de Roma, Marschall cuja situação em Berlim se tinha tornado dificil por um conflito havido com o grão-duque marechal da côrte, o conde Colembourg, e por outros motivos de ordem politica, foi nomeado embaixador em Constantinopla, onde revelou as suas superiores qualidades de diplomata.

Marschall travou aí uma enorme e habil luta para captar as simpatias do sultão Abdel-Hamid e adquirir a supremacia no seu espirito de modo a suplantar o embaixador da Inglaterra O'Conor e o da Russia Sinowieff.

Em breve conseguiu esse desideratum, conquistando uma infiuencia como nunca embaixador algum atingira no Kildiz-Kiosk.

Em virtude dessa situação diplomatica verdadeiramente priveligiada, a Turquia mandou vir da Alemanha os oficiaes instrutores do seu exercito e os seus armamentos e deu aos alemães a conversão dos caminhos de ferro da Azia Menor.

A Alemanha deve ao Barão de Marschall o seu caminho de ferro de Bagdad e um importantissimo dominio economico que lhe não custou nem uma gota de sangue.

Depois da revolução turca que destronou Abdel-Hamid, Marschall conseguiu ainda junto dos Jovens-Turcos uma situação de destaque e preferencia que muito contribuiu para lhe firmar os créditos de superior diplomata de que hoje gosa e que o levaram tão ruidosamente á côrte de Londres.

A gréve geral dos transportes em Inglaterra

A Federação dos operarios de transportes de Londres decidiu a gréve geral. Os membros da Federação são nada menos de 472 mil trabalhadores, dos quaes 150 mil pertencem a Londres.

Esperam-se graves acontecimentos.

A SITUAÇÃO NA HUNGRIA

Em Budapest travam-se verdadeiras batalhas

O sistêma de *governo de força* que se acaba de inaugurar na Hungria está produzindo uma verdadeira revolução provocada simultaneamente pelas gréves violentas que ali rebentaram e pela situação politica creada pelo rompimento com as oposições e com a nomeação do conde Fisza para presidente da Camara dos Deputados.

A gréve geral declarou-se na sexta-feira ultima em Budapest, mobilisando mais de 10:000 ómens, entre policias e militares.

Na Croacia está declarado o estado de sitio e nas ruas da capital hungara teem-se dado terriveis conflitos, havendo muitos mortos e inumeros feridos.

Os jornaes não se publicam.

Os grevistas são em numero superior a 50:000.

A primeira colisão deu-se em Werzenerstrasse. Os operarios apedrejaram e agrediram a tiro os agentes policiaes. A policia atirou sobre eles, ficando morto um operario e feridos nove. Tres guardas foram gravemente feridos.

Noutros pontos teem-se repetido os conflitos sangrentos entre os operarios e as tropas, subindo a centenas o numero de feridos. Toda a guarnição de Budapest tem estado em acção.

Os manifestantes passaram a levantar barricadas.

A circulação nas ruas interrompeu-se, travando-se violento tiroteio.

Rebentaram na cidade numerosas bombas. Lojas, fabricas e tramways foram destruidos.

A multidão incendiou uma fabrica de asfalto e outros estabelecimentos e armazens.

Na casa do deputado barão Voumitz estoirou uma bomba que causou enormes prejuizos.

A cidade tem estado sob um regimen de verdadeiro terror.

POLITICA ALEMÃ

NO REICHSTAG

Os socialistas atacam Guilherme II

Uma sessão parlamentar agitada

O governo alemão parece não gostar muito do atual parlamento que, como se sabe, tem uma larga representação socialista. Depois de fazer votar o aumento do exercito e da marinha de guerra, o Reichstag foi adiado por seis mêses, sem que ninguem saiba ao certo donde ha de saìr o dinheiro ou quaes os impostos que hão de cobrir as novas despêsas militares e navaes.

A ultima sessão do Reichstag decorreu verdadeiramente tempestuosa.

Os socialistas Ledebour, Sudekum e Scheidemann renovaram com vivacidade os seus ataques contra a politica reaccionaria do chanceler do imperio.

Presidiram a essa agitada sessão, os radicaes Kaempf e Dove que foram da maior condescendencia para os oradores socialistas. O chanceler respondeu, um pouco nervoso e impaciente, terminando depois a sessão com a discussão sobre a Alsacia-Lorena.

O Reichstag reabrirá em novembro, para votar os impostos. E' possivel que nessa ocasião os conservadores tenham algumas surprêsas desagradaveis com a camara, a não ser que até lá o governo resolva dissolver o Parlamento que tanto vem importunando o cesarismo alemão.

AS DISCUSSÕES

Os socialistas acusam Guilherme II de imperador anti-constitucional

Ledebour, socialista, tratando da questão da Alsacia-Lorena, a proposito do orçamento para 1912, diz que se tentou desviar a discussão, mas que ao entrar nela não receia que ninguem chame indiscrição ao facto de ali repetir as palavras do imperador, que analisa.

O orador exprime o voto de que o povo alemão se eleve ao nivel do inglez que seria o primeiro a depôr um principe anti-constitucional, como a historia o demonstra. Seria então impossivel na Alemanha qualquer cabeça reinante proferir semelhantes palavras de ameaça para a liberdade dum povo como o do país do imperio.

A estas palavras o centro agita-se e protesta. O presidente adverte Ledebour que desassombradamente declara apenas ter dito o que aconteceria se o povo alemão pensasse bem na sua liberdade. O presidente chama novamente o orador á ordem, emquanto a agitação recrudesce. Ledebour continúa, dizendo que lamenta devéras que a reacção se entregue ainda ás suas orgias na Alemanha e que se oprimam assim as minorias que falam uma lingua estrangeira.

O deputado socialista ao terminar afirma que a social-democracia alemã está pronta para tudo.

Depois do conservador Schultz responder a Ledebour, o chanceler Bethman-Hollweg toma a palavra e defende o Kaiser, dizendo que o povo alemão não está com os socialistas e ama as suas instituições, o imperador e a constituição.

O socialista Sudekum ataca o chanceler, afirmando que são os proprios socialistas quem neste momento defendem a constituição e que o chanceler abusa do seu papel dizendo que a maioria do povo está neste assunto ao lado do kaiser. A esquerda aplaude freneticamente, o centro conservador protesta.

Um incidente entre o chanceler e o Presidente da sessão

Sudekum continúa no meio de grande agitação, exclamando:

— Não temos sido nós os socialistas quem mais tem atacado o imperador. Não fomos nós quem lhe chamou o *poltrão-valoroso* na questão de Marrocos. Foi o *Post*, orgão do partido do imperio, do partido de Schultz que hoje reclama o chanceler como um dos seus.

O chanceler ergue-se e pergunta ao presidente se algum deputado tem o direito de assim falar. O vice-presidente Dove responde:

— E' a mim que pertence julgar o que o deputado tem o direito de dizer. Está expondo ideias sem as fazer suas, não posso intervir.

Estas palavras de Dove, que pertence ao partido liberal-democratico são largamente aplaudidas pela esquerda.

O chanceler volta a falar discutindo depois com os socialistas a constituição que eles pretendem alargar num sentido mais radical e democratico.

O deputado alsaciano Roeser pede que se respeite a individualidade da Alsacia que aceitou de bom grado a sua Constituição mas que se vê ameaçada novamente na sua liberdade.

A sessão encerrou-se com vivas ao imperador depois dos socialistas terem abandonado a sala.

A FRANÇA EM MARROCOS

Começam os fuzilamentos

Foram já executados em Fez 50 marroquinos condenados á morte pelo conselho de querra.

As execuções foram rigorosamente secretas.

A lei do salario minimo nas minas inglezas

A decisão do presidente do *district board* do Paiz de Gales fixa varios salarios minimos, inferiores aos revindicados pelos mineiros— de quatro shilings e um peny a quatro shilings e seis pence, em vez de cinco shilings exigidos pela Federação mineira. Isto levantou grandes protestos dos operarios que numa reunião feita em Cardif resolveram não voltar a tomar parte nos trabalhos do *district board* e promoveram a reunião de uma conferencia nacional dos mineiros, alem de começarem a organisar a nova gréve geral das minas inglezas, a que se juntarão tambem os trabalhadores dos caminhos de ferro e transportes de terra e mar.

Eis a ameaça que peza sobre a Inglaterra, a quem a ultima gréve tantos prejuizos causou já.

A condenação de Tom Manu, um dos dirigentes operarios, aumentou a efervescencia. Por outro lado, a decisão arbitral de Northumberland satisfez os operarios da região, mas não é de crêr, que no caso de uma gréve dos seus camaradas de Gales, dadas as relações de estreita solidariedade que manteem, os operarios do Northumberland deixem de aderir.

A Inglaterra atravessa, pois, uma gravissima crise cujas consequencias não são faceis de prevêr e cuja solução traz sériamente embaraçados os estadistas que presidem aos destinos da poderosa nação.

Ministerio hespanhol

Teem corrido boatos de crise do governo de Hespanha.

Um grande banquete em honra da Republica Portugueza em Pariz

No dia 20 do corrente, realisou-se em Pariz um grande banquete em honra do nosso ministro sr. João Chagas, oferecido pelo Comité Republicano do Comercio e da Industria, presidindo M. Fernand David, ministro do Comercio da França. Mascarand, fez o elogio de João Chagas, dizendo que a Republica Portugueza encontrará sempre em França uma atenção carinhosa e uma decidida simpatía.

João Chagas, agradecendo, fez um belo discurso, entrecortado de aplausos, agradecendo aquela grandiosa homenagem e fazendo a apologia da Republica e da revolução portugueza.

M. Fernand David, ministro do Comercio, falando por ultimo declarou-se feliz por se associar a esta festa destinada a celebrar a verdadeira independencia do nosso paiz, porque a historia de Portugal e da França teem notaveis semelhanças.

Defendeu em seguida o programa politico, economico e social das duas nações amigas e bebeu em honra da Republica Portugueza e dos seus gloriosos destinos.

O banquete a que assistiram ainda altas personalidades da politica francêsa, terminou entre estrondosas aclamações a Portugal.

Tom Mann é amnistiado

O ministro do interior do gabinete inglez anunciou ao Parlamento que por proposta do governo, o rei assinou a amnistia de Tom Mann, condenado ha pouco por ter excitado os militares á desobediencia por ocasião das grèves.

Tom sofreu dois mezes de cadeia.

A Caixa Economica belga e as habitações operarias

Desde que foi posta em vigôr a lei de 9 de agosto de 1889, a *Caisse d'Epargne Belge* já adeantou sucessivamente para a construção ou aquisição de habitações operarias, capitaes cuja soma atingia, em fins de 1910, a importancia de 93.864:217 francos que permitiram pôr á disposição das classes trabalhadoras 48:861 casas de habitação.

O valor em debito por esse motivo á Caixa Economica belga, é atualmente de 402:761 francos.

A Caixa emprestou a cinco comunas a soma de 1.635:553 fr.85; tem feito consideraveis emprestimos a particulares devidamente caucionados, mas agora pôz de parte as operações deste genero.

Em 31 de dezembro de 1911 a Caixa tinha emprestado a 121 sociedades anonimas 73.589:014 francos; a 9 sociedades de credito 3.057:132 francos e a 38 sociedades anonimas imobiliarias 3.855:594 francos.

Estas importancias foram quasi na sua totalidade destinadas á construção de casas operarias.

O novo rei da Dinamarca

Cristiano X, o novo rei da Dinamarca, tem 43 anos. Nasceu em Charlotenhemdt a 26 de setembro de 1870. E' cunhado do futuro imperador da Alemanha, pois casou com a princesa Alexandrina de Mecklembourg, irmã da kromprinzina Cecilia. O seu casamento realisou-se em Cannes a 26 de abril de 1898, tendo hoje dois filhos, um de 12 e outro de 11 anos, os principes Frederico e Kund.

A guerra Italo-Turca

Atomada de Rhodes

Prosegue a guerra italo-turca que não poderá já durar muito pela inferioridade da Turquia e pelo avanço que a Italia vae tomando no arquipelago das Sporades.

Quando os italianos desembarcaram em numero de dez mil homens, os 1:500 turcos que guarneciam a cidade retiraram para Pzythos, a 7 horas de marcha.

No dia seguinte os italianos começaram pela manhã a fazer com a cavalaria o reconhecimento dos arredores da povoação, continuando a desembarcar tropas. O general Ameglio com o seu estado maior tomou a direcção das operações. Começou depois o fogo da artilharia que se repetiu tres vezes no dia, obrigando os turcos, repelidos sobre Pzythos e completamente cercados a capitularem.

Espera-se uma conferencia internacional para pôr fim á guerra que tantos prejuizos está causando sobretudo nas relações maritimas das potencias neutras.

Na camara francêsa

O sucessor de Brisson

M. Deschavel foi eleito presidente.

O resultado da eleição do novo presidente da camara dos deputados era esperado em França com justificada anciedade.

Depois de incidentes varios, conflitos pessoaes nos corredores, combinações e rompimentos entre os diferentes grupos e personalidades politicas, foi eleito M. Paul Deschavel, no segundo escrutinio, por 292 votos, contra 208 de Eugene Étiene.

Pela Cidade e pelo Distrito

AVEIRO

Uma merecida homenagem ao regimento de infanteria 24

Do Grupo de Defeza da Republica desta cidade recebemos o oficio que abaixo publicamos.

Trata-se de prestar ao regimento de infanteria 24 uma merecida homenagem, oferecendo-lhe uma bandeira que será adquirida por subscrição publica.

Só nos cabe louvar a patriotica iniciativa do Grupo de Defeza da Republica. O regimento de infanteria 24 é credor do sincero reconhecimento de todos os bons portuguêses pela comprovada dedicação com que se houve na fronteira quando para lá foi mandado em defeza da Patria e da Republica.

Associamo-nos por isso mesmo da melhor boa vontade a essa iniciativa a que no proximo numero faremos mais largas referencias.

Segue o oficio a que acima nos referimos:

O grupo de defeza da Republica do concelho de Aveiro tem a honra de convidar-vos a que vos associeis por meio de subscrição publica e com a quota que a cada um aprouver, a uma justa homenagem da qual este grupo julga crédor o Regimento de Infanteria N.º 24, aqui aquartelado.

Não tendo esse regimento ainda bandeira, julga o mesmo grupo, de todo o ponto bem cabido, traduzir aquela homenagem na oferta de uma, adquirida por subscrição publica entre os habitantes desta região; e bem merecida se antolha ao grupo ser tal homenagem, mais significativa, não lhe parecendo que outra haja que exprima o nosso reconhecimento para com aquela unidade militar.

E bem merecida que é a nossa homenagem!

E bem cabido e justo que é o nossso reconhecimento!

Se a vida moral e social da oficialidade e das praças que comandam são titulos á nossa estima e consideração como nossos irmãos, acima, muito acima disso, está a maneira patriotica como todos se têm portado e arriscado na defeza desta querida Patria a cada momento ameaçada de cair nas garras aduncas de torpissimos exploradores onde os patrioticos esforços dum punhado de homens, arriscando a propria vida e o futuro dos filhos, a arrancaram no glorioso dia de 5 de outubro de 1910.

Ora quem, com o seu esforço e vontade, concorrer para consolidar obra tão redentora, bem merece de nós todos; e, entre os que bem merecem de nós, é justo colocar o Regimento de Infanteria N.º 24.

A' imprensa periodica desta cidade se roga principalmente não só se digne dizer o que tiver por justo e bem cabido sobre o assunto, como tambem abrir nas suas respectivas redacções, a subscrição para a oferta de que acima se fala.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 28 de maio de 1912.

Pelo Grupo da Defeza da Republica,

O Presidente,

Bernardo Torres.

=†=

Fica aberta a subscrição:

A Liberdade . . . . . 5$000 réis

Teatro Aveirense

A companhia do Teatro Avenida, de Lisboa, dá nos dias 17 e 18 de junho dois soberbos espectaculos no nosso Teatro com as operetas de grande sucesso *Casta Suzana* e *Amor de Principes*.

No proximo numero nos referiremos mais de espaço a essas duas peças, que o publico de Lisboa se não cançou de aplaudir em dezenas de representações.

Jardim Publico

A banda de infanteria 24 toca hoje no Jardim Publico das 18,30 ás 20,30.

O programa é o seguinte:

1.ª PARTE—*Marcha militar*, por Alves; *Guarany* (sinfonia), por C. Gomes; *Polca militar*, por Beucei; *Dinórah* (fantasia), por Meyesber.

2.ª PARTE—*Werther* (fantasia), por Massenet; *Crepusculo* (valsa), por Morais; *Marcha militar*, por Morais; *Hino*, por Keill.

Ao sr. Director dos Correios

E' rara a semana em que se nos não dirigem alguns dos nossos assinantes do distrito queixando-se de que não recebem *A Liberdade* ou de que a recebem tarde. Ora sendo este jornal expedido com a maxima regularidade todas as quintas-feiras, só ao mau serviço dos correios se devem atribuir estas faltas, que nos podem causar enormes prejuizos.

Chamamos para o caso a atenção do sr. director dos Correios, confiados em que sua ex.ª tomará as devidas providencias para que taes factos se não repitam.

Movimento da Barra

De 23 a 29 de maio

Entradas:

Dia 25—Chalupa *Atlantico*. Tonelagem 18,87. Mestre, Manoel Gonçalves Vilão. Tripulantes, 5. Carga, petroleo. Procedencia, Porto.

Dia 29—Chalupa *Mariana*. Tonelagem, 48,00. Mestre, Antonio dos Santos. Tripulantes, 5. Carga, carvão. Procedencia, Porto.

Saídas:

Não houve.

REGISTO CIVIL

Casamentos

Em 22.—Pompeu da Costa Alvarenga e Virginia Amelia Valverde Serrão. Testemunhas: Maria do Carmo Serrão, Josefa de Jesus Grijó, Adolfo Butler Elerperk, Ana Emilia Butler Elerperk, Rosalina Augusta da Costa Grijó, Nuno Maria da Costa Alvarenga, Adilia Augusta d'Amorim Alvarenga, dr. André dos Reis, Augusta Serrão Butler Elerperk Reis, Juliana Leite da Costa, Maria da Conceição Azevedo, Maria José Serrão de Carvalho, Amelia Sofia Serrão. O registo foi lavrado em casa da nubente pelo sr. Joaquim Ferreira Martins. O acto religioso foi feito na freguezia de Eixo, neste mesmo dia.

Em 24.—Manoel d'Oliveira e Jesuina de Jesus. Testemunhas: Francisco Antonio Meireles, Alipio Maria Ribeiro, Alfredo Henriques e José Martinho d'Oliveira, de Requeixo.

Em 25.—João Luiz Ferreira d'Abreu, filho do proprietario João Luiz Ferreira, com Maria Fernandes Mascarenhas, filha do comerciante José Fernandes Mascarenhas. Testemunhas: Jeronimo Fernandes Mascarenhas, Maria d'Azevedo Evaristo, Manoel dos Santos Silvestre, Evaristo Luiz Ferreira, Maria Marques Fernandes, José Aires Fernandes de Jesus, Rosa Marques Evaristo. O registo foi lavrado em casa da nubente pelo sr. Joaquim Fernandes Martins.

= Benjamim Francisco Lameiro e Maria Rosa de Jesus Carvalho. Testemunhas: Luiz Ferreira Balcão, Antonio Pereira e Manoel Rodrigues da Rocha, de Requeixo.

= Manuel Domingos Carvalhal e Joana Marques Batista. Testemunhas: Manuel Marques da Silva, José Marques Nunes, Maria da Luz, Joaquim Ferreira d'Oliveira e Manoel Rodrigues da Graça, de Taboeira.

Nascimentos

Em 18.—Joaquim Vidal da Maia Marques, filho de José da Maia Camarão e de Maria José Marques. Padrinhos: Vidal dos Santos e Luiza d'Alegria, de Aveiro.

Em 20.—Maria Moreira Queiroz, filha de Antonio Nunes Queiroz, 1.º sargento de infanteria e de Rosa Moreira. Testemunhas: Francisco Dias de Moura e Izaias d'Oliveira, de Aveiro.

Em 21.—Francisco Maria dos Santos Freire, filho de Manoel Maria dos Santos Freire e de Maria das Dores Ferreira da Graça. Testemunhas: Francisco Maria dos Santos Freire e Antonio Ferreira Lavrador, de Aveiro.

Em 23.—Maria Amelia Dias Cruz, filha de Manoel José da Cruz e de Amelia Augusta Dias Cruz. Testemunhas: Antonio Tavares Adam e Justina da Silva Rego Adam.

Em 25.—Antonio Rodrigues da Silva, filho de Manoel Rodrigues da Silva e de Aurora Rodrigues da Silva. Testemunhas: João Bolaes Monica e Eva dos Santos, de Cacia.

Em 26.—José d'Oliveira Martins, filho de Abel d'Oliveira Carriço e de Maria Martins Ferreira. Testemunhas: Alfredo Henriques e Bernardino Martins Loureiro.

Obitos

Em 17.—Rosa Maria de São José Gamelas, mãe dos srs. José Gamelas, Antonio Gamelas, Julia Gamelas, Juliana Gamelas e Tereza Gamelas, de Aveiro.

Em 18.—Manoel da Conceição Ramalho, de 7 mezes, filho de José Francisco Ramalho, guarda fiscal, e de Libania da Conceição de Esgueira.

Em 22.—Vicencia Marques, de 70 anos, solteira, de Aveiro.

= D. Maria Carolina da Costa Goes, proprietaria, de 65 anos, mãe de Augusto da Costa Goes, proprietario da Farmacia Francisco da Luz & Filhos.

Em 25.—Cecilia Candida, de 49 anos, esposa de Manoel dos Santos Ribeiro, empregado do caminho de ferro, de Aveiro.

Em 28.—Maria Ferreira Sarrico, de 83 anos, viuva, de Arada.

= José Maria da Silva, de 80 anos, viuvo, da Quintã do Loureiro.

Em 29.—Cecilia Neta, de 60 anos, solteira, tia da sr.ª Maria Petinga, a quem deixou o seu testamento.

Brilhantina especial para goma crua

FRASCO, 240 RÈIS

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo Torres

Agueda

O diabo feito frade pede-nos "que o deixemos em paz,,

— Pois sim, mas com a condição de não caluniar nunca mais os republicanos que temos obrigação de defender!

Lá veio a terreiro e desta vez bem prontamente, distilando almudes de suor para ver se conseguia chegar a tempo e responder-nos alguma coisa, o jornal que se publica em Agueda, intitulado o Povo de lá e que se diz ainda republicano.

Tolice seria dizer-se monarquico em plena Republica quem alguma vez foi republicano, embora muita gente tenha esperanças de o ver um dia arrependido do que agora diz, o que não será para admirar em quem já hoje resa contrito sobre os pecados jacobinos que cometeu . . . ha pouco mais de um ano.

E quer ser vitima á força, o sr. Napoles. E teima em ser vitima!

Já não fala na bomba que lhe prometeram nos conciliabulos demagogicos lá da terra e que seria para ele um achado de mil demonios, mas persiste e bate o pé afirmando-se martir de uma campanha de insulto. Ora os nossos leitores já viram jornal mais correcto do que este? Já viram que aqui fosse insultado alguem? Repetimos, aqui não se insulta ninguem, ninguem, seja quem fôr, quanto mais o sr. Napoles *cuja atmosfera luminosamente moral em que vive* tornaria inanes os nossos insultos que viriam depois de recochete cair sobre nós, ora essa!

Não diga o sr. Napoles, que o insultamos para se esquivar ás responsabilidades que aqui lhe viémos exigir.

Não se desculpe o sr. Napoles nem com os nossos insultos que ninguem jámais viu nem com a *luminosidade da sua atmosfera* que nos deslumbra, para fugir ás contas que aqui lhe viémos tomar. Nem deixe por isso de responder áquilo que categoricamente lhe perguntámos e de que tão facilmente se parece ter esquecido.

O sr. Mapoles não é um personagem vulgar como qualquer cavador da sua terra ou como qualquer pescador da nossa. O sr. Napoles é uma personagem de distinção e de relêvo, de meritos e de notabilidade, director de um jornal, homem publico, politico com prestigio e força, de bojo e capacidade. Está numero 1 para governador civil de uma situação almeidista e póde tambem vir a ser, depois de completamente arrependido de todo o passado, pois que parte já lá vai, *se as bichas pegarem*, um deputado da restauração; pois, que diabo! Quem já hoje confessa que a politica que noutros tempos combateu com denodo é preferivel a essa que para aí campeia, sr. Napoles, sr. Napoles, não é de causar espanto . . .

O sr. Napoles não deve pois estranhar que lhes peçam contas daquilo que faz como homem publico e como director dum jornal onde, ignobil e covardemente, porque foge ás responsabilidades do que escreveu e não é capaz de provar o que disse, veio caluniar pessoas que teem dignidade, que teem dignidade! note bem o sr. Napoles, como são os republicanos de Aveiro.

E rematemos isto—o sr. Napoles prova ou não prova o que disse? O sr. Napoles diz ou não os nomes dos inocentes monarquicos cuja prisão foi pedida pelos republicanos de Aveiro ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues?

O sr. Napoles diz ou não os nomes dos republicanos que exigiram perseguições?

O sr. Napoles diz ou não diz quaes as perseguições que o dr. Rodrigo Rodrigues fez em Aveiro e quaes os conspiradores inocentes que mandou prender?

O sr. Mapoles diz isto, responde a isto ou engóle e digere como enguliu em plena sala do Centro Republicano de Aveiro, perante os dois redactores deste jornal e do dr. Marques da Costa, os insultos que contra nós tinha bolsado em uma reunião em Agueda?

Esta é que é a questão, sr. Napoles. E se o sr. Napoles a quizer desenvolver, cercando-a de todas as provas e comentarios para o que talvez o jornal lhe não chegue, nós comprometemo-nos a uma gentileza para consigo — a arranjarmos com que meia duzia de republicanos de Aveiro o convidem a vir a esta cidade fazer as suas provas. Quer uma sala? Tem a sala do Centro Republicano de Aveiro.

Desdenha já de lá entrar? Pois bem melhor seria que lá não tivesse entrado na ultima vez que lá entrou e em que enguliu o que tinha dito em Agueda e em que falsificou muito luminosamente o mandato que lhe tinha sido conferido pela Comissão Municipal dessa vila para escolha dos candidatos a deputados.

Aceita o sr. Napoles este oferecimento?

Estamos ás suas ordens, sempre sempre amaveis, apezar deste *ar de gaiato deslavado* que o ilustrissimo e muito sério e sempre grave sr. Napoles á ultima hora nos descobriu. Vem ou não vem? Responde ou não responde? Prova ou não prova? Eis a questão!

* * *

De resto o sr. Napoles nada acrescenta com que se justifique.

Diz-nos que recebeu uma carta a recomendar-lhe a nossa candidatura assinada por José Prat e Elisio Feio.

O Abilio mente. E mente porque não fala a verdade, porque deturpa a verdade, porque faz da verdade o mesmo que fez da sua pessoa e das suas ideias.

A carta que o Abilio recebeu, era apenas uma circular de alguns amigos nossos dirigida *a todas as Comissões Municipaes do circulo* e recomendando-lhes a escolha do nosso nome para *candidato*, para candidato!

De modo que o Abilio não recebeu essa carta senão porque era o presidente de uma comissão encarregada de abrir a correspondencia que a essa comissão fosse dirigida.

Se a comissão tivesse continuo e o continuo tivesse autoridade para abrir correspondencia, sua ex.ª o continuo poderia dizer tambem que recebeu uma carta de empenho para votar em nós nas ultimas eleições!

Mas se o sr. Napoles recebeu alguma carta particular dirigida á sua pessoa, como empenho para votar no nosso nome nas ultimas eleições, o sr. Napoles queira reproduzi-la!

* * *

E para se desculpar de ter lido a lista dos empregos da familia Melo no comicio da Fogueira, o sr. Napoles, que continua batendo no peito contrito de arrependido por aquilo que fez aqui ha pouco mais de um ano, sempre pensada, madura, e refletidamente, só tem esta desculpa:

«Faz referencia o jornal do sr. Souto a um comicio da Fogueira, onde lêmos uma lista com os empregos publicos que usufruia a familia Melo.

Lêmos realmente uma lista que por nós não foi confeccionada, sabiamos lá os nomes e profissões de todos os parentes dessa familia!—e que outros não tiveram a coragem de lêr, servindo nós nessa ocasião de bóde expiatorio, precisamente como quando respondemos no tribunal de Agueda num julgamento de imprensa, aonde fômos arcar com as responsabilidades dum suelto que não escrevemos.»

De modo que o sr. Napoles confessa que fazia de *bóde expiatorio*. Fazer de *bóde expiatorio!* E confessa isso! pois então que espirito era o seu no ultimo ano da sua formatura, quando já bacharel, um homem de vinte e tantos anos, perfeitamente emancipado de inteligencia e de carater?

Que dignidade mental era a sua que se prestava a atacar uma familia a quem devia tantos beneficios, só porque outros a isso o levavam?

Pois alguem nos levou a nós algum dia a cometer algum ato que repugnasse á nossa consciencia?

Pois haverá alguem que nos léve a insultar uma pessoa a quem devemos beneficios?

Mas que desculpa tem o sr. Napoles para as diatribes constantes que arremessavam em toda a parte contra os srs. Melos?

Que desculpa terá o sr. Napoles, para o resto desse discurso da Fogueira onde chamou tudo quanto quiz á familia dos srs. Melos?

O facto de ser *bóde expiatorio?*

Que triste papel, sr. Napoles, que vergonhosissima situação!

Então nem uma dessas palavras, nem uma dessas ideias, nem um desses ataques de toda a hora e de todo o instante, das conversas particulares, dos artigos dos jornais, dos discursos dos comicios, das perlendas das adegas, nada disso era seu, sr. Napoles?

Que tinha então dentro o seu cerebro se o sr. não pensava em mais nada do que em aniquilar os srs. Melos? Se não falava noutra coisa, se nada mais, nem mesmo a Republica, era para o seu espirito coisa de maior monta que o exterminio dos srs. Melos que era a sua obcecação de todo o instante?

Que tristissimo papel fazia então e está fazendo hoje, hoje principalmente, quando a pouco mais de um ano desses tempos, renega tudo e tudo engeita com tanta facilidade!

Mas como nos prova e como consegue o sr. Napoles convencer alguem de que não é hoje tambem um *bóde expiatorio?* De que é sincero e verdadeiro em uma só das palavras que diz?

* * *

Terminamos que vae longa a prosa. Vamos deixa-lo em paz como nos pede:

«Mas olhe, homem, deixe-nos em paz. Digira lá em socego o subsidio. Adeus, sim?»

Se o sr. Napoles não nos havia de falar no subsídio! Pois recebemo-lo sem vergonha, sr. Napoles. Fomos eleito pelo povo, temos direito a ele, recebemo-lo sem vergonha.

Não temos tempo para o digerir porque não nos peza no bolso donde saíu já a maior parte dos parcos mil réis que nossa Mãe nos deixou ao morrer, gastos quasi todos, com risco do nosso futuro, nas necessidades criadas pela vida de apostolo da Republica!

Recebemos esse subsidio, sr. Napoles e não conseguimos com ele pagar nenhuma das nossas muitas dividas!

Recebemos esse subsidio, sr. Napoles, sabe porquê? Porque o nome honrado da nossa familia não nos poude dar uma fortuna de dinheiro, deu-nos pouco mais que a fortuna de nos ensinar a ser sérios, honrados, dignos, trabalhadores.

Uma herança de honra apenas, que havemos de honrar.

Mas que ricos nos sentimos, sr. Napoles!

* * *

Deixamo-lo em paz, sr. Napoles. Mas cuidado com a lingua! Muito cuidado. Quando voltar a caluniar, veja primeiro a quem o faz! Se não, não!

=⊛=

AGUEDA, 20

(RETARDADA)

Certos individuos entenderam por bem, de ha uns tempos a esta parte, maldizer da lei do registo civil e do seu oficial em Agueda, o sr. dr. Fernando Batista.

Não se sabe o que esses individuos pretendem: se mostrar o seu despeito por não serem eles empregados do registo, se ferir o dr. Batista por inimisade pessoal.

Nesta ultima ipotese ninguem atina porque levam o seu ataque tambem á lei, a qual procuram ridicularisar junto do povo ignorante das nossas aldeias.

Mas, o que é triste, é que estes individuos sejam republicanos.

Ora, quando não houvesse os longos mezes de trabalho que veem desde a promulgação da lei, bastou o casamento ontem efetuado na repartição do registo civil, para atestar o escrupulo com que se comporta o dr. Fernando Batista no exercicio da sua profissão.

Foi uma solenidade impressionante. A sala da repartição era ornamentada de rosas, de tons varios, que espalhavam no recinto aromas delicados. E desde o official e ajudantes, aos noivos e convidados, toda a gente que assistiu

---

M. Paul Deschavel é filho de Emile Deschavel professor no College dê France, e nasceu em 1856 em Bruxelas, estando seu pae exilado.

A sua carreira politica foi iniciada em 1879. Entrou pela primeira vez no Parlamento em 1881, sendo eleito em 1896 vice-presidente e presidente de 1898 a 1901.

Era ha alguns anos presidente da comissão dos negocios exteriores e coloniaes e relator do orçamento dos estrangeiros.

M. Deschavel pertence ao grupo da esquerda democratica da Camara. E' autor de varias obras sobre a politica interior e exterior da França e membro da Academia Francêsa.

Durante a sua presidencia em 1898-1901, pronunciou notaveis discursos a proposito do naufragio da *Bourgogne*, da morte do presidente Felix Faure, do incendio do Teatro Francês, da inauguração da exposição, das festas de *Berthelot* etc.

* * *

Eis o que sobre a eleição de Deschavel dizem alguns jornaes francêses:

O Radical:

«Impõe-se uma reorganisação profunda. Aos dois grupos radical e radical-socialista deve suceder um grupo unico, só de radicaes.

A nossa força será assim singularmente aumentada».

A Correspondance Republicaine:

«As demoras, as hesitações, as tergiversações dos radicaes—cuja disciplina tão enfraquecida foi impotente para designar e impôr o unico candidato das esquerdas—é que levaram M. Deschavel ao fauteuil presidencial.

Todos os que desejem que esta magistratura mantenha um elevado porte, uma bela distinção moral, uma cultura classica, uma elegancia inteletual, uma perfeita correção e o senso clarividente de uma larga imparcialidade de espirito, hão de concordar em reconhecer que M. Paul Deschavel, estava particularmente qualificado para tomar a direção de uma assembleia parlamentar.

Mas os que nunca abandonaram os principios essenciaes da sua consciencia politica, que teem manifestado tantas vezes sobre o nome venerando de Henri Brisson o respeito que professam pelas grandes tradições republicanas e que pensam, com razão, que o eleito de um corpo legislativo deve ser o candidato da maioria republicana, hão de deplorar o sucesso de M. Deschavel.»

* * *

A *Action*:

«M. Deschavel, republicano por educação e por tradição de família—o que é ainda a melhor maneira de o ser—mereceu a grande honra que hôje lhe foi dada, pelo brilho do seu talento e pela sua consideravel obra parlamentar.

A sua eleição não póde contristar nenhum dos que teem conservado o respeito das altas funções da Republica e que aí se acostumaram a vêr a representação no nosso paiz perante o mundo. Mas as notaveis qualidades do novo presidente não teriam provavelmente bastado para lhe assegurar tão grande prova de confiança, se o partido que tem na camara a maioria, tivesse compreendido o seu papel e se tivesse colocado no estado de espirito necessario para bem o desempenhar.»

á cerimonia vestia com o rigor das grandes solenidades.

Os noivos eram o sr. dr. Artur d'Almeida Ribeiro, delegado na comarca de Satam, e a sr.ª D. Maria Carolina Sereno, filha do sr. dr. João Duarte Sereno, atual juiz de Direito em Vizeu.

Tanto os noivos como os convidados vieram a pé, atravez das ruas da vila, até á repartição do registo civil, e depois da cerimonia, quando regressavam a casa dos paes da noiva, de varias janelas foram lançadas petalas de rosas sobre os noivos, em abundancia tal que juncaram as ruas.

Estou convencido que este casamento, tal como foi realisado, é dos que fazem a propaganda duma lei.

De justiça é, porém, dizer, que o sr. dr. Fernando Batista tem procurado imprimir aos actos do registo civil, senão a solenidade de agora, o que nem sempre é possivel, aquele respeito que prosta perante a soberania da Republica os cerebros ainda os mais rudes.

Carlos.

=⊕=

IDEM, 27.

Entre as freguezias deste concelho que pela Republica mais têm lutado, ocupa um dos primaciaes logares, a de Ois da Ribeira. O grupo de republicanos que alí existe é recrutado entre os melhores proprietarios, lavradores e artistas, cidadãos que se impõem á consideração de quantos se não deixam perturbar por paixões sectarias. Na junta de paroquia, nas comissões politicas, ou no centro partidario, isto é, quer olhando-os na sua acção administrativa ou politica, esses correligionarios de Ois da Ribeira teem honrado o partido republicano português. Por isso eles são ferozmente odiados pelos elementos do esfrangalhado partido progressista, unidos em torno do prior José Bernardino, jesuita filiado e conspirador envolvido na tentativa do levantamento da linha ferrea sobre a ponte do Pano.

Esses talassarios são dum atrevimento inaudito. Uma vez apedrejaram o Centro, outra vez sujaram com excrementos a sua taboleta. Andam pelas ruas armados de grossos cacetes em ares pimponescos. E a recente chegada do padre conspirador, afiançado em 3 contos de réis, deulhes mais alento, como se voltassem para eles os tempos dos adeantamentos e do credito predial. Tem graça dizerem-se republicanos!

E' verdade que no semanario evolucionista do sr. dr. Abilio Napoles encontram aberta e franca defêsa.

O padre manobra na sombra, como bom jesuita que é. Incutiu na pobre gente fanatisada odio á cultual que os nossos correligionarios organisaram, no patriotico intuito de bem servirem a sua terra.

Decretou a egreja interdicta e aos domingos vae dizer missa a uma freguezia visinha, com numeroso ocompanhamento.

Ele bem sabe que isto pode ser motivo de sérias desordens, mas não se importa, porque ha de ter o cuidado de desaparecer da refrega, antes que lhe façam em duas a corôa.

Os padres! São eles os unicos inimigos do regimen.

Se este saísse de Ois da Ribeira ninguem tivesse receio pela ordem publica. Ele é o unico elemento perturbador da povoação. E valia a pena, para que a boa gente de Ois vivesse tranquila, obrigal-o a ir para onde se não tornasse malefica a sua acção de padre jesuita e conspirador.

Carlos.

Os acontecimentos de Ois da Ribeira

Só hontem recebemos uma carta do nosso correspondente em Ois da Ribeira narrando e comentando os acontecimentos que ali se deram á chegada do padre Bernardino da Silva que, ha meses, e com outros cumplices, desaparafusou a linha ferrea junto á ponte do Pano, tentando destruir esta pela dinamite. Só no proximo numero poderemos publicar a referida carta que é bastante longa e nos iria tomar o espaço necessario a outras noticias de maior oprotunidade. No entretanto não queremos deixar de protestar contra as manifestações que foram feitas ao padre Bernardino, com gritos sediciosos e cobarde agressão a um dedicado e antigo republicano daquela freguesia. A autoridade por certo investigará, castigando severamente os agressores.

Despachos

Interior

Direcção Geral de Instrução Primaria

Declara-se, para os devidos efeitos, que o professor Joaquim Heitor da Conceição, transferido da escola de S. Vicente de Louredo, concelho da Feira, por despacho de 25 de Abril ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 110, de 11 do corrente, o foi para o 2.º lugar da escola da freguezia de Romariz, do mesmo concelho.

(Diario do Governo nº 119 de 22 de maio de 1912).

=Acha-se aberto concurso documental para o provimento das seguintes escolas:

Sexo masculino de Vila Verde, freguezia e concelho de Oliveira do Bairro.

=Idem de Rocas, concelho de Sever do Vouga.

=Idem de Arrifana, concelho da Feira.

=Idem de Rio Meão, concelho da Feira.

=Idem de Alvarenga, concelho de Arouca.

=Idem de Lamas, concelho da Feira.

=Idem de Sandomil, concelho da Feira.

=Idem de Branca, concelho de Albergaria-a-Velha.

=Idem de Calvão, freguezia e concelho de Vagos.

=Idem de S. Martinho da Gandara, concelho de Oliveira de Azemeis.

=Idem da séde do concelho de Albergaria-a-Velha (2.º lugar).

=Idem de Canedo, concelho da Feira.

(Diario do Governo n.º 120 de 23 de maio de 1912).

=†=

O *Diario do Governo* n.º 122 de 25 de maio corrente publica uma portaria louvando o professor de Cária, João dos Reis Tavares, pelo zelo e inteligencia de que tem dado provas.

O referido professor habilitou desde 1904 até 1911 setenta e nove crianças para os exames de 1.º e 2.º graus.

Justiça

Direcção Geral

Bacharel Bernardino José Leite de Almeida, declarado sem efeito o decreto que o transferiu do lugar de conservador do registo predial na comarca do Seixal para a de Castelo de Paiva, e colocado em identico lugar na comarca de Vila Nova de Foscoa.

(Diario do Governo, n.º 119 de 22 de maio de 1912).

= Declarado sem efeito o despacho que nomeou Manuel Ferreira Rôlo, oficial de deligencias da comarca de Agueda.

(Diario do Governo, n.º 120, de 28 de maio de 1912).

= O *Diario do Governo*, n.º 123, de 27 de maio de 1912 publica a lista dos magistrados judiciaes segundo a ordem da sua antiguidade, contada até o dia 30 de setembro de 1911.

Sindicancia

Terminou já a sindicancia que o sr. Firmino de Vilhena havia pedido aos seus actos como secretario da Camara deste concelho.

Segundo nos consta apurou-se serem absolutamente falsas as acusações que lhe eram feitas por um individuo que pontifica num jornaleco que para aí se publica.

Gralhas

A pressa com quo foi feita a revisão deste numero da *Liberdade*, fez com que tivessem passado bastantes gralhas, sobretudo na 2.ª pagina. Este inconveniente, bem como o da falta de unidade na ortografia e que já tem dado lugar a reparos da parte de alguns amigos nossos, serão remediados a partir do proximo numero.

EM LISBOA

O julgamento dos conspiradores de Castelo Branco

O povo manifesta-se ruidosamente contra a sistematica absolvição dos inimigos da Republica

A paciencia do povo, farto de sofrer perseguições e vexames da monarquia e de ser ferido nos seus sentimentos republicanos, pela justiça da Republica, esgotou-se finalmente.

Não ha, com efeito, nenhum verdadeiro republicano que possa assistir de animo leve a essa série de vergonhosas absolvições que são uma afronta a todos aqueles que trabalharam pelo advento do novo regimen.

E' absolvido o que conspira na sombra, espalhando boatos alarmantes, caluniando e difamando a Republica, *muito em segredo*, a toda a gente, para que toda a gente o saiba e é absolvido o que é encontrado com as armas na mão fazendo fogo sobre as tropas republicanas, como sucedeu no Porto aos presos do Circulo Católico e áqueles que foram encontrados no jardim de Passos Manuel, disparando ininterruptamente as *brownings* sobre a policia e carbonarios que os cercavam.

Estas contínuas absolvições irritaram de tal maneira o povo que este resolveu fazer justiça por suas proprias mãos, como noutro logar dizemos.

Foi o que sucedeu agora em Lisboa com os conspirateiros de Castelo Branco. O povo agrediu-os á entrada do tribunal da Boa-Hora e voltou o carro em que seguiam para o Limoeiro, depois da audiencia, erguendo entusiasticos vivas á Republica e á Patria e morras aos traidores.

Alguns jurados e os advogados de defeza foram tambem vitimas da exasperação popular, ficando bastante contundido o sr. Fortunato Monteiro que no tribunal havia proferido uma frase irritante para os republicanos que ali se encontravam. O conflito podia ter mais serias consequencias se os oficiaes que comandavam as forças da Guarda Republicana não tivessem intervido prudentemente.

São, com efeito, para lamentar estes acontecimentos quem se teriam evitado se a justiça em que a Republica confiou a sua defeza, tivesse cumprido o seu dever.

PELA IMPRENSA

A todos os nossos colegas da imprensa que nos teem honrado com a transcrição de alguns artigos e sueltos, entre os quaes devemos destacar a *Montanha*, do Porto, *Vida Nova*, de Viana do Castelo, *Radical*, de Oliveira de Azemeis, e *Gazeta de Arouca*, agradecemos penhorados essa prova de deferencia, bem como as cativantes palavras com que, por vezes, se nos teem referido.

— O nosso prezado colega a *A Montanha* passou a imprimir-se numa excelente maquina rotativa, aparecendo já no domingo muito melhorada no seu aspecto material e impressa em magnifico papel.

A *Montanha* que é um dos jornais diarios mais interessantes pela variada colaboração que insere em todos os seus numeros e pelos principios que defende, que sam os do velho partido republicano, bem merece que lhe desejemos todas as prosperidades de que é merecedora.

A Montanha é dirigida por um velho e dedicado republicano, Bartolomeu Severino, com cuja amisade muito nos honramos e a quem tambem felicitamos pelos progressos do seu jornal.

A inceneração dos cadaveres

A Associação do Registo Civil vae encetar em todo o país uma vigorosa campanha já iniciada pelo dr. Magalhães Lima em favor da cremação dos cadaveres.

O artigo 264.º do Codigo do Registo Civil Obrigatorio, torna facultativa a cremação. Até ôje, porém, só a Camara Municipal de Lisboa resolveu mandar construir um forno crematorio. O nosso colega *Livre Pensamento* discorre da seguinte forma ácerca das vantagens de uma tal medida:

Em Lisboa, como no resto do país, muitas centenas de ectares de terreno, que bem mais proveitosos seriam, quando aproveitados em cultura para alimentação ou em construções para abitação dos vivos, estão inutilisados para jazigos dos mortos. E isto porque, desde que aos que já morreram nenhum conforto é já preciso e nenhuma alegria póde já dar o luxo de um grande mausoleu, a modestia de um coval ou a umilde simplicidade da vala comum?

Simplesmente por isto: porque á propaganda supersticiosa da Egreja convém aquele espalhafato de cruzes e outros emblemas sacros de que os padres se servem para incutir crendices ridiculas na alma ingenua do povo, que sitios ha em que até se acredita que as fosforescencias de certas noites de verão são procissões noturnas de almas penadas, que só podem entrar no ceu, se os parentes, que neste *vale de lagrimas* deixarem, mandarem por sua intenção rezar um certo numero de missas... Ganancia eclesiastica e mais nada.

Dezenas, centenas ou milhares de cadaveres, decompondo-se lentamente na terra, a meia duzia de palmos de profundidade, desenvolvem naturalmente, e mui principalmente nas epocas de maiores calores, miasmas deleterios que empestam a atmosfera e a tornam doentia e impropria para a vida, acirrando endemias e ás vezes provocando mortiferas epidemias. São os mortos chamando pelos vivos...

Eis o que são e para que servem os cemiterios: para matar os vivos em omenagem aos mortos e para os padres arrancarem dinheiro áqueles a pretexto do *eterno descanço* destes.

E quantas e quantas vezes se não terão dado casos de catalepsia, cujas terriveis consequencias causam orrorosos calafrios só ao pensar nelas. Como se sabe, ha casos de catalepsia que se prolongam muitos dias, durante os quais os atingidos conservam *todos* os sinais caracteristicos da morte, a ponto de iludirem os mais abalizados mestres da ciencia medica.

Um medico distintissimo ha anos falecido, o dr. Castelo Branco Saraiva, deixou determinado, numa das suas disposições testamentarias, que 24 oras após a sua morte lhe fossem cortadas as carotidas, antes de encerrado o caixão em que deveria baixar á derradeira morada. Esta operação foi feita ao seu cadaver, se nos não atraiçôa a memoria, pelo seu colega, correligionario e intimo amigo, dr. João Rodrigues dos Santos.

O que levaria o distinto clinico a ordenar tal precaução no seu testamento? Evidente e inquestionavelmente o orror que lhe causava a ideia da possibilidade de ser enterrado vivo, como a muitas pessoas tem sucedido.

Não temos tantas vezes visto já no cemiterio, ás vezes mesmo á beira da sepultura, o *morto* erguer-se e olhar assombrado para aqueles que, por seu turno, o contemplam apavorados? Se a *ressureição* se tivesse dado alguns minutos mais tarde, lá ia mais um desgraçado morrer depois de enterrado, na mais orrivel das aflições!

Sabe-se que os cadaveres são deitados, de costas, no caixão em que teem de baixar á sepultura. Pois muitas vezes, passados os 5 anos regulamentares, os coveiros vão encontrar os cadaveres deitados de bruços. O que prova tudo isto? Que os inditosos, tendo ido vivos para a campa, acordaram depois de lá estarem encerrados, e no orror da morte e obedecendo ao natural instinto de conservação, se revolveram, se debateram contra a morte inevitavel, que, longe de todo o socorro e de todo o lenitivo, deles se apoderou, arrancando-lhes a vida no mais pavoroso dos suplicios.

Que tempo durará esse suplicio? Um minuto, dois, tres? Mais? Menos? Seculos, pois, perante a grandeza de tal sofrimento cada segundo deve por si só corresponder a longos anos.

A cremação evita a possibilidade de tão pavoroso caso. O cadaver metido no forno crematorio, num momento fica reduzido a cinzas, que não ocupam o espaço necessario aos vivos, e que os que porventura o queiram fazer, podem guardar em suas casas, como piedosa recordação de seres que lhes ajam sido queridos.

Anuncios judiciais

Divorcio

(1.ª publicação)

NOS termos do artigo 19 do decreto de 3 de novembro de 1910, se anuncia que foi autorisado o divorcio dos conjuges Manuel de Lemos e Maria Emilia de Jesus Belican, êle maritimo, acidentalmente residente nesta cidade, e ela residente em Ilhavo, por sentença com transito em julgado proferida na acção de divorcio que aquele moveu contra esta.

Aveiro, 18 de maio de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

POR o Juizo de Paz do districto de Aveiro e cartorio do escrivão Manoel Tavares e nos autos de acção de pequena divida, hoje já em execução de sentença em que é autor-exequente Eduardo Augusto Ferreira Osorio, casado, comerciante, de Aveiro, e ré a executada Amelia da Conceição Antunes, casada, domestica, moradora que foi em Aveiro e atualmente ausente em parte incerta de Lisboa, correm editos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação deste no *Diario do Governo*, chamando e citando aquela Amelia da Conceição Antunes para, no praso de 5 dias, decorridos que sejam os editos, pagar ao exequente a quantia de 11$100 réis pedida na mencionada acção, e custas e selos desde o começo da execução e que acrescerem até final, sob pena da execução seguir os ulteriores termos legaes, para os quaes é tambem pelo presente citada.

Aveiro, 22 de maio de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Paz,

Moreira Belo.

O Escrivão de Paz,

Manuel da Conceição Tavares.

Caixa Economica de Aveiro

Tendo sido reclamada pelos herdeiros do falecido sr. João Lopes da Costa, de Carcavelos, freguezia de Eirol, o capital e juros, não pagos, do deposito n.º 1652, efectuado nesta Caixa Economica por João Lopes, tambem de Carcavelos, e suscitando-se duvidas sobre a identidade deste individuo, convidam-se os interessados a, no praso de 30 dias, contados desde esta data, produzirem, perante a direcção da referida Caixa, os seus direitos ao mencionado deposito.

Findo o praso acima a direcção decidirá, nos termos dos estatutos.

Aveiro, 30 de maio de 1912.

O Secretario da Direcção,

Firmino de Sousa Huet.

Anuncios

Na anemia, febres palustres ou sezões, tuberculose

e outras doenças provenientes ou acompanhadas de FRAQUEZA GERAL, recomenda-se a

Quinarrhenina

EXPERIENCIAS feitas por inumeros clinicos nos hospitais do paiz e colonias confirmam ser o tonico e febrifugo que mais sérias garantias oferece no seu tratamento. Aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradavel ao paladar.

Instrucções em portuguez, francez e inglez. A' venda nas boas farmacias.
Em Aveiro—**Farmacia Reis.**
Em Anadia—Farmacia Maia.
Deposito no Porto—*Farmacia Rica, Rua do Bonjardim, 370. Deposito geral*—*Farmacia Gama, C. da Estrela, 118*—*Lisboa.*

Tosses Curam-se com as *Pastilhas do Dr. T. Lemos.* Depositos: os mesmos da **Quinarrhenina.**

VENDE-SE

muito em conta por motivo de retirada, 1 sofá, 2 fauteuils, 1 espelho e meio serviço de cristal.

Rua da Corredoura, em casa da familia Almeida d'Eça—ESGUEIRA.

Basse-Cour

Galinhas.--Ovos.--Coelhos.

=—=

1 casal de frangos **Langshan,** pretos, raça de grande volume e muito vistosa, por 2$500 réis.

Galinhas **Leghorn,** brancas, pretas e cinzentas. Raça de pequeno volume, muito viva e precoce, rustica e de facil creação, de grande crista, excelente poedeira.

Cada galinha, em plena postura, 1$200 réis. Frangos a 1$500 réis.

Ovos desta raça, cuidadosamente selecionada, a 100 rs. cada.

Coelhos

Angoras, brancos, com 2 mezes de edade, muito felpudos e perfeitos, a 800 réis cada.

Japanezes ou tricolores, raça muito apreciada pela sua resistencia, fecundidade e volume, com 4 mezes, a 1$200 réis cada.

Encarregado da venda:

Bernardo de Sousa Torres

AVEIRO

CONTOS E ROMANCES

6) Folhetim de A LIBERDADE

ZOLA

O Fuzilado

II

Segundo tiro se fez ouvir, e nada de gente: nem viv'alma. Quando, porém, se voltou, viu para os lados de Gagny, entre duas arvores, um flocosinho de fumo que se esvaía, semilhante a um fio de Nossa Senhora. A mata era sempre concentrada e branda.

—Os patifes meteram pela mata, —murmurou ele. Sabem que estamos aqui.

Então, o tiroteio continuou, cada vez mais vivo, entre os soldados francêses, postados é volta do moinho, e os prussianos, escondidos com as arvores. As balas zuniam por cima do Morele, sem causarem perdas de parte a parte. Os tiros eram irregulares, partiam isoladamente de cada moita; e o que se continuava a enxergar eram sómente uns fumosinhos, molemente balouçados pela aragem. Durou aquilo perto de duas oras.

O oficial cantarolava, a modo que indiferente. Francisca e Domingos, que tinham ficado no pateo, punham-se em bicos de pés, e olhavam por cima de um muro baixo. Movia-lhes principalmente a curiosidade um soldadito, postado á beira do Morele, por traz da carcassa duma velha bateira; estava de bruços, espreiva, disparava o seu tiro, depois deixava-se escorregar para dentro de um valado, mais atraz, a carregar de novo a espingarda; e os seus trejeitos eram tão patuscos, tão manhosos, tão elasticos, que era um riso vel-o. E' de crer que lobrigou alguma cabeça de Prussiano, porque se ergueu de chofre e poz a arma á cara; mas, primeiro que disparasse, deu um grito, rodou sobre si mesmo e rebolou para o valado, onde ficou ainda um segundo com as pernas a bulirem, como um frango acabado de matar. Acabava o soldadito de receber uma bala no peito. Era o primeiro morto. Instintivamente, Francisca tinha tomado a mão ao noivo, e apertava-lha, numa crispação nervosa.

—Tirem-se daí—disse o capitão. As balas chegam cá.

Efetivamente, ouvira-se um estalinho seco no velho olmo, e uma ponta de ramo caía dele abaixo, aos bordos. Mas os dois noivos, imobilisados pela anciedade do espetaculo, nem se moveram. Na orla da mata, um Prussiano saíra bruscamente de traz de uma arvore, como de traz de um bastidor, esbracejando no vazio e caíndo de costas. E ficou tudo imovel, os dois mortos pareciam dormir ao largo sol, continuava a não se vêr ninguem no campo amodorrado. Cessou o proprio crepitar do tiroteio. Só o Morele susurrava, com o seu romorsinho claro.

O tio Merlier olhou para o capitão a modo que surpreendido, como para lhe perguntar se estava tudo acabado.

—Agora é que a coisa vae seria, —murmurou o capitão. Cautela. Tirem-se daí.

Ainda ele não tinha acabado, ouviu-se uma descarga orrorosa. O olmo ficou como se o varejassem, largando uma revoada de folhas que desceram, borboleteando. Os Prussianos tinham felizmente feito a pontaria muito alta. Domingos arrastou, quasi levou ao colo Francisca, emquanto que o tio Merlier os seguia, dizendo:

—Metam-se na adega pequena, que as paredes são firmes.

Mas eles não deram ouvidos, entraram para a sala, onde uns dez soldados esperavam pela calada, com as portas das janelas fechadas, espreitando por fendas. O capitão ficara sósinho no pateo, agachado atraz do muro baixo, emquanto que descargas furiosas continuavam a fuzilar. Lá fóra, os soldados que ele tinha postado, só palmo a palmo cediam o terreno. Contudo, recolhiam ao moinho de rastos, um a um, ao passso que o inimigo os desalojava dos seus esconderijos. A ordem era ganhar tempo, e não se mostrarem, para os Prussianos não poderem saber que forças tinham pela frente. Decorreu ainda uma ora. E, como aparecesse então um sargento, a dizer que já não andavam por fóra senão dois ou tres omeus, o oficial puchou do relogio, murmurando:

—Duas e meia... Bem, temos de nos aguentar mais quatro oras ainda.

(Continúa).

Todos os ómens e meninos podem vestir com elegancia e perfeição pelos figurinos e moldes de Londres desde que peçam as amostras ao

Old England

Rua Augusta--**LISBOA**

Faz os fatos SEM PROVA e restitue a importancia ao cliente que não ficar satisfeito.

Peçam amostras, catálogo e jornal que são enviados gratis

Old England--Lisboa

Tem todos os artigos para ómens e meninos, desde o chapeu até ás meias.

Aguas de Fuente Nueva--VERIN

Aguas da Curia

Depositario — BERNARDO TORRES

URNAS FUNERARIAS

DEPOSITO d'urnas funerarias dos mais modernos gostos, de diferentes madeiras e formatos.

Fundições, da melhor execução, duma casa do Porto.

Elegancia e preços sem competencia.

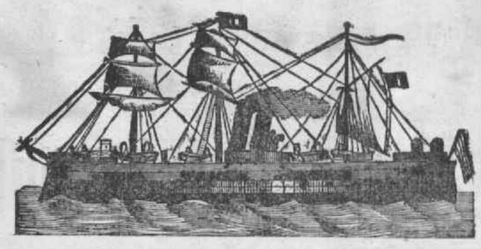
Manuel Pereira de Rezende

PRAÇA DE PARDELHAS

ESTARREJA

Hamburg Suedamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMERIKA-LINIE



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

Maquinista

Serralheiro mecanico, competentemente abilitado, oferece-se para maquinas de vapor, fabricas, etc., do que tem larga pratica, dando todas as referencias.

Nesta redação se informa.

Francisco A. Meireles

Praça Luiz Cipriano

AVEIRO

ARMAZEM DE MERCEARIA

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licôres
Especialidade em chá e café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro

(BEIRA ALTA)

(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a Anemia, a Clorose, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com atestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

Rua Garrett, 76 e 78

Unico agente em Aveiro

Francisco Meireles

Empreza Industrial Portugueza

SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13
Avenida das Côrtes, 47 a 49

LISBOA

Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côrtes, 47 a 49

Lisboa

Cartões de visita

Com perfeição e rapidez, imprimem-se nesta tipogrrfia por preços modicos.

HORARIO DOS OMBOIOS

Linha Porto—Lisboa

Passagens na estação de Aveiro

PARTIDAS E CHEGADAS

SAÍDAS DE AVEIRO PARA LISBOA

Omnibus, 9,17; Rapido, 11,06; Tramway (para a Figueira), 12,59; Expresso, 17,23; Recoveiro, 19,40; Sud-Espress, 18,21; Correio, 23,50.

SAÍDAS DE AVEIRO PARA O PORTO

Correio, 5,42; Tramway, 6,10; Recoveiro, 8,40; Tramway, 11,57; Sud-Express, 15,15; Omnibus, 18,20; Rapido, 22,36; Omnibus, 23,01.

Linha do Vale do Vouga

Aveiro--Agueda--Albergaria--Azemeis--Feira--Espinho

Aveiro—9,45; Agueda—10,45; Albergaria-a-Velha—11,45.
= Albergaria-a-Velha —4,55; O. de Azemeis—5,54; Feira—6,55; Espinho-Praia —7,54.
= O. de Azemeis—11,40; Feira—12,14; Espinho-Praia—13,05.
= Albergaria-a-Velha — 15,50; Azemeis—16,48; Feira—17,21; Espinho-Praia —18,12.
= Aveiro—18,50; Agueda—10,50; Albergaria—20,50.

Espinho--Feira--Azemeis--Albergaria--Agueda--Aveiro

Espinho P., 8,30; Feira, 9,20; Azemeis, 9, 65; Albergaria, 10,49.
= Espinho, 17,35; Feira, 18,35; Azemeis, 19,01; Albergaria, 19,55.
= Espinho, 19,55; Feira, 20,49; Azemeis, 21,10.
= Albergaria-a-Velha, 6,45; Agueda, 7,50; Aveiro, 8,46.
Albergaria—14,50; Agueda—15,55; Aveiro—16,51.

Aguas de Vidago

Vendem-se no armazem de

REIS & FILHO

ROCIO

Preços do liquido:

Fonte de Campilho:— Cada garrafa de 1|4 de litro a 70 réis. Por duzia, a 65 réis. Por caixa de 110 garrafas, a 60 réis.

Fonte de Sabroso:— Cada garrafa de 1|4 de litro a 60 réis. Por duzia, a 55 réis. Por caixa de 110 garrafas, 50 réis. Cada garrafa de 1|iro, 120 réis. Por duzia, a 110 réis. Por caixa de 40 garrafas. a 100 réis.

PARA REVENDER FAZ-SE ABATIMENTO

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe

AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru. Azeite de peixe. Utensilios para amanho de barcos. Cordoame e poleame.

Licôres e aguardente.

Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas.

Bicicletas Hobart

Pompilio Ratola

AVEIRO

Vendem-se

Duas moradas de casas, sendo uma, baixa, sita na rua do Passeio e outra, alta, sita na rua do Espirito Santo, n.º 1.

Para informações dirigir ao sr. Antonio da Silva Córado, morador na casa da rua do Espirito Santo.

A LIBERDADE vende-se em Aveiro no kiosque do sr. Valeriano Simões Lemos, á praça Luiz Cipriano.

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na tabacaria Monaco, ao Rocio.

Escritorio de Advocacia e Procuradoria

Assuntos forenses, comerciais e civis

Sob a direcção dos advogados:

Carlos Barbosa

=E=

Chaves de Almeida

R. Augusta, 100-2.º—LISBOA

Telefone 2650

Este escritorio trata de quaisquer causas em todos os tribunais e instancias.

Encarrega-se tambem da administração de bens, cobrança de dividas, publicação de anuncios no *Diario do Governo*; averbamentos na Junta de Credito Publico, Bancos e Companhias; processos de liquidação de seguros, acompanhamentos de pretenções em repartições publicas; legalisação de documentos, etc.

CIRCUITO DO MINHO

21 de abril—327 kilometros

Grande triunfo das **motos**

WANDERER

Corrida de amadores—Ganha em motocicletas **Wanderer de 3 H. P.**

1.º PREMIO—Ex.mo sr. João Hitzmann, em 6 horas e 36 minutos. (Apenas mais 8 minutos que o primeiro profissional que montava um engenho doutra marca de dobrada força!)

PRIMEIROS PREMIOS DA CABEÇA—Todos até Braga—Ex.mo sr. A. Sousa Guedes.

3.º PREMIO—Ex.mo sr. Artur Oliveira e Silva, em 7 horas e 51 minutos.

Representantes e depositarios nos distritos de Aveiro e Coimbra

Abel Guedes de Pinho & C.ª

Praça da Republica — OVAR

Sistema de iluminação WIZARD

Patente n.º 7.845

Incandescencia pela gasolina gasoficada, a mais sensacional descoberta do seculo XX

O sistema WIZARD é o mais economico e intensivo de todos os processos de iluminação até agora conhecidos, como se demonstra pelo

Quadro comparativo do consumo

de diversos sistemas de iluminação, tomando por base uma lampada de 2:000 velas de poder iluminante.

	CONSUMO POR ORA
Gaz de ulha, a 60 réis o metro cubico.	217 réis
Luz elétrica, a 150 réis o Kilowatt.	312 »
Acetilene, a 90 réis o kilograma de carboneto de calcio	382 »
Petroleo, a 100 réis o litro	782 »
Luz WIZARD, a 2$000 réis os 36 litros de gazolina	**17,5** »

Este quadro foi obtido, pelas experiencias feitas com o *fotometro* e segundo os dados fornecidos pela pratica, em Portugal.

Uma lampada de um poder iluminante de 500 velas Carcel, consome só 5 litros de gasolina em 50 óras!

Estes numeros sãm a prova mais eloquente da superioridade do sistema WIZARD e justificam plenamente o incomparavel sucesso que as lampadas WIZARD têm obtido em Portugal e em todos os paizes civilisados.

Pedir catalogos e informações a

Carlos Guerra

Agente no Norte do país

Escritorio: *Café Brazil*—**PORTO**

Fabricas de gelo

CAMARAS FRIAS

J. Matos Braamcamp

Engenheiro de Frigorificos

Rua Aurea, 232, 1.º—LISBOA
Rambla del Centro, 14—Barcelona

Instalação completa de Leitarias—Fabricas de cerveja—adegas—fabricas de chocolate, etc., etc.

Algumas referencias: Fabrica de cerveja JANSEN; Fabrica de Conservas BRANDÃO GOMES; Fabrica de Gelo de Santarem, Angra, Faro, Beja, Evora, Figueira, Coimbra, etc. A NUTRICIA, de Lisboa; Grande Hotel de Vidago; Escola Medica de Lisboa, Assistencia Nacional aos Tuberculosos; Grande Frigorifico de Bilbao, etc.

BOMBAS COM MOTOR

MUITO ECONOMICAS

Luzelectrica

Nas casas de campo, aldeias e vilas

Ultima palavra — **Fafnir**

Algumas referencias: **José Tavares da Silva Rebelo—SALREU, ESTARREJA. J. Carlos Barros, engenheiro electricista—FIGUEIRA DA FOZ.**

Motocicletes N.S.U.

A melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa.

O agente nos distritos de Aveiro e Vizeu:

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha

HOTEL CISNE

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com aceio e magnificas vistas.

PREÇOS MODICOS

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo de S. Torres

Praça do Comercio

AVEIRO

Livraria, papelaria e oficina de encadernação. Grande sortido de papeis nacionais e estrangeiros. Objectos para escritorio, desenho e pintura. Tabacos nacionais e estrangeiros. Livros em branco para escrituração comercial. Artigos para brindes. Chá em pacotes.

Deposito de tintas para escrever, marca **D. Pedro IV.**

Fornecimentos para escolas.

Sempre novidades em bilhetes postais ilustrados e com vistas de Aveiro.

Cervejas e gazozas,

Cordas para instrumentos.

Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.

Sabonetes nacionais e estrangeiros.

Pós e pasta para dentes.

Loções para o cabelo e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAIS

Deposito de moveis, colchoaria e marcenaria

DE

Francisco Casimiro da Silva

Côjo—AVEIRO

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Oficina para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.

Oficina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e cristaes. Louças finas e bijouterias.

PREÇOS MODICOS

Novidades para verão

Eduardo Osorio

56, Rua dos Mercadores, 60—13, Rua Mendes Leite, 21

AVEIRO

ABERTURA DA ESTAÇÃO

com um variado e grande sortido, escolhido nas principais casas.

Tecidos de alta novidade em algodões, lãs e sêdas para vestidos.

Grande variedade em sêdas e guarnições.

Blouses, echarpes, sombrinhas e cintos, grande sortido.

Grande deposito de espartilhos, ultimos modelos.

Kimonos, a maior novidade, grande sortido.

PREÇOS MODICOS

Enviam-se amostras

Motos F. N.

A quem procure empanar o colossal triunfo da moto **F. N.** *conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o sucesso ao incendio na maquina do concorrente, podemos responder triunfantemente que nesta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada maquina, como tambem a sua construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca* **F. N.** *sobre todas as outras, porque só ella, com a sua sólida construcção, poderia resistir a todas as eventualidades que surgem num percurso tão longo, sobretudo numa epoca de tão rigorosa invernia.*

Agente exclusivo da marca **F. N.** no distrito de AVEIRO,

Joaquim Guerra—AGUEDA

Estação de verão

A ELEGANTE

FAZENDAS E **MODAS**

Camisaria E **gravataria**

DE

Pompeu da Costa Pereira

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

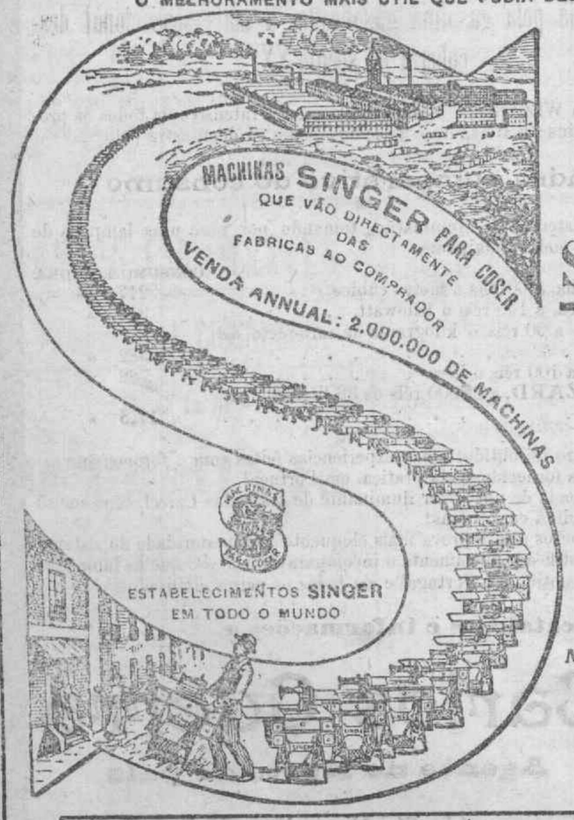
Preços modicos

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5

Alberto João Rosa

Rua Direita-AVEIRO

GRANDE armazem de drogas e ferragens. Tintas de primeira qualidade. Vidraça, cobre, chumbo e arame. Adubos quimicos e organicos. Sulfato e enxofre.

PROFESSOR DE FRANCÊS

Ensina na sua casa e na dos alunos.

Nesta redacção se informa.

Colegio Moderno

P. Marquez de Pombal

AVEIRO

A direção deste colegio montado nas melhores de mais modernas condições pedagogicas, de higiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor instalação e as melhores condições de aproveitamento.

Mercearia e confeitaria

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de frutas secas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras. Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS P. GUIMARÃES

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO